

Análise dos recursos defensivos e manejo da morte em grupos religiosos protestantes
Análisis de los recursos defensivos y manejo de la muerte en grupos religiosos protestantes
Analysis of defensive resources and of coping with death in protestant religious groups

Ana Paula Duarte dos Santos¹, Paula de Oliveira Dantas² & Danuta Medeiros³

Resumo

O presente trabalho objetivou compreender e analisar as percepções sobre a morte e finitude em grupos religiosos protestantes. Participaram 10 voluntários autodenominados cristãos protestantes, com idades entre 18 e 55 anos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com perguntas envolvendo a temática “morte” e aplicado o Questionário Desiderativo (QD), de forma totalmente on-line, por videochamada. A análise dos resultados seguiu a proposta teórica de Nijamkim e Braude. Os resultados apontam que todos os participantes apresentaram falhas nos mecanismos de defesa instrumentais; eles demonstram possuir interferência intensa da ansiedade mediante a iminência da morte e demonstram influência da religião em suas escolhas de símbolos e nas racionalizações trazidas. Além disso, o QD revelou as nuances e conflitos presentes entre os discursos conscientes (entrevista semiestruturada), por trazerem a ausência do medo da morte e finitude, sendo que os resultados do QD (respostas inconscientes) apontam o oposto, uma vez que é percebido inseguranças, ambivalência e temor diante da morte.

Palavras-Chave

Psicanálise; Questionário Desiderativo; Religião; Morte.

Resumen

Este trabajo buscó comprender y analizar las percepciones sobre la muerte y la finitud en grupos religiosos protestantes. Participaron 10 voluntarios autodenominados cristianos protestantes, con edades de los 18 a los 55 años. Se realizó entrevistas semiestruturadas con preguntas sobre el tema “muerte” y se aplicó el Cuestionario Desiderativo (CD), todo eso en línea, por medio de llamadas de video. Se analizó los datos según la teoría propuesta por Nijamkim y Braude. Los resultados indicaron que los mecanismos de

¹ Universidade São Judas Tadeu – Brasil. Psicóloga graduada pela Universidade São Judas Tadeu. Atua como psicóloga clínica em consultório particular e por convênio. Mail: psico.anapaula.duarte@gmail.com

² Universidade São Judas Tadeu – Brasil. Psicóloga graduada pela Universidade São Judas Tadeu. Analista de Recursos Humanos da Empresa Elgscreen. Mail: pauladantas46@gmail.com

³ Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Extrema – FAEX. Psicóloga. Doutora e Mestre em Ciências/Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Especialista em Psicologia Hospitalar e em Psicoterapia Psicanalítica. Professora doutora do curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Extrema – FAEX. Mail: danutamedeiros@gmail.com

defensa instrumentales de todos los participantes tenían fallas, y que la religión influjo en su elección de símbolos y racionalizaciones. Además, el CD mostró matices y conflictos, pues los discursos conscientes (entrevista semiestructurada), que no indicaron miedo de la muerte y de la finitud, mientras los resultados del CD (respuestas inconscientes) indicaron el opuesto, mostrando inseguridad, ambivalencia y miedo de la muerte.

Palabras clave

Psicoanálisis; Cuestionario Desiderativo; Religión; Muerte.

Abstract

This work aimed to understand and analyze the perceptions about death and finitude in protestant religious groups. The participants were 10 volunteers, self-described as protestant Christians, from 18 to 55 years old. Semistructured interviews were carried out with questions about the topic "death", and the Desiderative Questionnaire (DQ) was also applied, both completely online, through videocalls. The results were analyzed according with the theoretical recommendations by Nijamkim and Braude and suggest that the instrumental defense mechanisms of all participants have shortcomings. They showed that their anxiety strongly interferes when it comes to the proximity of death and that their religion influences their choices of symbols and rationalizations. Furthermore, the DQ showed the nuances and conflicts in the conscious discourses (semistructured interview), as it indicated no fear of death and finitude, while the DQ results (unconscious responses) indicated the opposite, showing insecurities, ambivalence, and fear of death.

Keywords

Psychoanalysis; Desiderative Questionnaire; Religion; Death.

Introdução

Em meio a tantas incertezas e indagações que o ser humano pode vir a ter no decorrer de sua vida, a morte, sem dúvida, é notoriamente um dos questionamentos mais importantes e profundos que o homem moderno busca compreender em sua existência. Dentre tantas ideias difundidas a respeito desse fenômeno, inerente a qualquer sociedade e civilização, entender a construção do percurso da morte e seu significado na história da humanidade, é fundamental para se compreender as premissas e raízes de sua conceituação (Ariès, 1977).

A ideia e atitude que o homem construiu diante da morte sofreu modificações sutis em seu sentido e significação, desde a antiguidade até os dias atuais. Ariès (1977), em seu livro *História da morte no ocidente*, considera quatro atitudes do homem diante do fenômeno como significativamente importantes para entender e correlacionar com o sentido que se tem hoje da mesma, são estes: a morte domada: a mais antiga, tida como vulgarizada, resignada ao destino coletivo; a morte de si mesmo: com aparecimento no séc. XII, torna-se reconhecida pelo indivíduo em sua existência com o surgimento da ideia de destino coletivo a espécie e juízo final; a morte do outro: com aparecimento no séc. XVIII, o surgimento ao apego a coisas, pessoas e a valorização romântica da perda do outro envolto de emoções e sentimentos de saudade que dá espaço ao enaltecimento da singularidade de cada indivíduo e respeito a sua história; e, a morte interdita: com o surgimento na metade do séc. XIX até os dias de hoje, esta por sua vez, é tida como aquela que interrompe a vida e não avisa, é repentina, invasiva, que causa indignação de quem perde, é a dúvida instaurada diante do desconhecido, *inominável* e negada pelo próprio sujeito contemporâneo.

Como visto e pontuado pelo historiador, o conceito e atitude do homem diante da morte passou ao longo do tempo por uma profunda transformação na mentalidade de cada época, tendo hoje um sentido diferente do que antes fora dado. Sobretudo, essa mudança, ainda que lenta, conservou de forma misteriosa, intrínseca e familiar, a essência que os antigos povos deram a ela, um meio termo entre resignação e confiança mística perpassada por um sentimento de incerteza e dúvida sob algo que não pode ser controlado (Ariès, 1977).

A construção do pensamento do homem no ocidente sempre foi marcada e perpassada pela influência da religião, em destaque primordialmente, ao cristianismo, que exerceu um papel de pedra angular e majoritariamente esteve presente na construção e fundamentação de muitas teorias no que diz respeito a vida do homem e tudo aquilo que concerne a ela, desde seu nascimento até sua morte propriamente dita. Sobretudo, a ciência sempre foi a maior concorrente da religião em termos desse conhecimento que busca explicar e compreender os questionamentos do homem, justificando-se naquilo que pode ser comprovado por meio de provas visíveis e evidências probabilísticas e não por aquilo que é confirmado por intuição ou algum tipo de crença pautado na 'fé' (Flecha, 2016).

Nesse contexto, é importante entender como a religião e as experiências religiosas estão presentes na vida cotidiana das pessoas e em seus modos de pensar e agir, e como são vivenciadas através de rituais. Estas práticas por sua vez, possibilitam o reconhecimento e a comunicação com o sagrado/divino (França et al, 2020), e tais vivências não se referem apenas à dimensão pessoal, mas estão diretamente relacionadas às tradições culturais, por assim dizer, à dimensão social (Borges, Santos, & Pinheiro, 2015).

Na interface entre a dimensão pessoal (psicológica) e a dimensão social é que se apresenta a noção de representação social (Jodelet, 2001), um conceito que, aparece pela primeira vez nos anos sessenta, em um estudo de Serge Moscovici acerca da psicanálise (Medeiros, 2014). Segundo Jodelet (2001), a construção das representações sociais é fundamental para explicar situações cotidianas vividas pelos sujeitos sociais na tentativa de dar sentido à realidade, como no campo religioso por exemplo, em que podemos observar a busca por explicações e compreensão dos mais diversos questionamentos do homem, que se estabelece através da comunicação entre os indivíduos. E é do compartilhamento de significações entre membros de um mesmo grupo, que vai sendo construída uma visão consensual da realidade para esse grupo (Medeiros, 2014).

Todos então, em menor ou maior grau, por assim dizer, compartilham representações; e compartilhar uma ideia é também, como afirma Jodelet (2001), afirmar um vínculo social e uma identidade. Dessa forma as representações sociais servem para familiarizar o não familiar (Moscovici, 2011), e as ideias religiosas são representações transmitidas de gerações em gerações.

Diante de tais considerações, observa-se que ao longo do tempo têm-se buscado compreender o fenômeno religioso e toda sua complexidade e, baseando-se nisso e nos contextos aqui trazidos, na teoria psicanalítica, Freud tentou esclarecer as motivações psíquicas da experiência religiosa. Em muitas de suas obras ele se propõe a elaborar uma interpretação psicanalítica da psicogênese e da natureza do fenômeno religioso, bem como a analisar o significado dos ritos e do comportamento religioso (Maciel, & Rocha, 2008). Em sua obra *Totem e Tabu*, de 1913 [1912-13], Freud trata de explicar a origem da religião, da moralidade e o surgimento da civilização. É através do uso de um “mito científico”, no qual fala de uma tribo aborígine australiana, atrasada e miserável, que possuía horror ao incesto, que se conta a história dos filhos que se reuniram para matar o Pai onipotente e senhor das mulheres, para assim ocuparem o lugar dele e terem pra si tudo aquilo que esse Pai possuía; entretanto, após o assassinato, é gerado arrependimento a posteriori nos filhos que disputam, entre si, o lugar desse Pai. Surgiu então um sentimento de culpa nos filhos, decorrente da ambivalência em relação a esse Pai bom/mal. Nesse contexto, são instauradas as leis e as regras, tornando possível o surgimento da comunidade. Freud assim explicitará o que viria a ser essa relação e a criação que o homem fez de Deus (totem), a instauração da moralidade (tabu) na civilização e o estabelecimento do complexo do Édipo Universal⁴ (Flecha, 2016).

⁴ Inspirada pela história grega de Édipo Rei, a expressão designa o conjunto de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta com relação a seus pais (Zimerman, 2001, p. 73).

Nesta direção, segundo a teoria psicanalítica, ao nascer, o bebê vive os primeiros meses de sua vida em um estado fusional com a mãe, até a chegada do momento em que essa união fusional é interrompida, primeiro pelo entendimento de que ele e sua mãe não fazem parte do mesmo organismo corpóreo e segundo com a entrada da figura do pai nessa relação, como Portador da Lei Simbólica. Para continuar a se desenvolver, a criança precisa aceitar esta Lei e assumir sua castração simbólica, ou seja, renunciar às ambições fálicas do seu narcisismo infantil. A partir daí, surge o conflito que a Lei do pai impõe à criança, o sentimento de amor e de ódio que ela nutre pela figura paterna. Essa criança odeia seu pai por tê-la separado de sua mãe, rompendo a relação fusional em que se encontravam, mas, ao mesmo tempo, ela o ama e anseia por sua proteção (Maciel, & Rocha 2008).

Ainda segundo Maciel e Rocha (2008), para Freud, esse sentimento infantil perdura por toda a idade adulta e Deus nada mais é do que a imagem idealizada do pai, no qual a criança procura proteção para superar o seu desamparo. Esta imagem idealizada de um pai protetor onipotente é uma criação imaginária da criança, que só tem sentido enquanto ela vive sob o amparo do princípio do prazer, sem ainda não se confrontar com a realidade. Apegar-se a essa imagem mesmo depois que a criança deixou de ser criança e se tornou uma pessoa adulta, é o que, para Freud, se caracteriza como ilusão. Vale ressaltar que Freud (1927/2006), em sua obra *O futuro de uma ilusão* salienta a importância de se definir a palavra ilusão, afirmando que uma ilusão não é a mesma coisa que um erro, tampouco é necessariamente um erro. Para o autor o que é característico das ilusões, é o fato destas derivarem de desejos humanos e conclui estabelecendo que, podemos chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação, fazendo com que a relação com a realidade seja desprezada, assim como a própria ilusão não dá valor à verificação (Freud, 1927/2006).

Santos (2018) vai além em sua análise sobre a religião como ilusão, e considera que do mesmo modo que Deus é uma representação idealizada da figura do pai, o diabo seria a representação do ódio infantil por esse mesmo pai, sendo possível materializar a ambivalência amor/ódio.

Se o Deus benevolente e justo é um substituto do pai, não é de admirar que também sua atitude hostil para com o pai, que é uma atitude de odiá-lo, temê-lo e fazer queixas contra ele, ganhe expressão na criação de Satã. Assim, o pai, segundo parece, é o protótipo individual tanto de Deus quanto do Demônio (Freud, 1923[1922]/2006, p. 102).

Segundo pontua Flecha (2016), do ponto de vista de Freud na obra *Totem e Tabu* anteriormente mencionada, essa relação que o homem procurou estabelecer com a religião, se dá justamente pelo fato de ter sido originada em torno de leis civilizatórias pautadas em proibições que subjazem o desejo da satisfação pulsional e isso faz com que a vida se torne cheia de desprazeres e dolorosa em demasia, pois o homem em

si mesmo sempre está em busca da felicidade, entretanto essa felicidade não pode ser suprida em sua completude pelo estabelecimento do complexo do Édipo universal e então, o sofrimento advindo dessa repressão ricocheteia no sujeito e pode se manifestar no corpo, em seu percurso constante em direção ao envelhecimento e à morte. Ainda segundo a autora,

A religião tem uma função dentro da civilização: domar e redirecionar as pulsões consideradas como associativas. Isso só se torna possível a partir da instauração interna da lei do pai decorrente do Complexo de Édipo. O pai abandonado, em virtude da ameaça de castração, é reencontrado no pai da religião, porém com maior poder e grandeza (Flecha, 2016, p. 508).

Tendo em vista que a atenção de Freud é voltada com maior intensidade para as fontes da religião judaica e cristã, por estas lhes serem mais próximas, nota-se que sua obra é regada analogamente a simbolização da personificação da figura do pai, que nas religiões judaico-cristãs se apresenta na forma de um Deus único, tido como Pai supremo. No que tange ao Judaísmo, a posição de Freud era de intolerância quanto aos rituais e práticas, sobretudo, ainda que valorizava seus ensinamentos éticos. Já em relação ao Cristianismo, que segundo a sua visão era marcado por um sincretismo com as religiões pagãs, o autor julgava um retrocesso quando comparada ao Judaísmo que, em sua condição de judeu, era natural de sua parte uma atitude marcada pelo preconceito aos cristãos, dada a história de perseguições promovidas pelo Cristianismo; no entanto, sua posição era de tolerância (Flecha, 2016).

Trazendo essa análise para o solo brasileiro, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2012), no Brasil o cristianismo permanece predominante; somando apenas os indivíduos autodenominados católicos e evangélicos, tem-se um total de 86,8% da população. O segmento religioso que mais cresceu foi dos protestantes que, em 30 anos aumentou o percentual de adeptos, passando de 6,6% para 22,2%.

Campos (2016) diz que atualmente no Brasil usa-se o termo “evangélico” de forma genérica para se referir a todos os protestantes e não somente aos que estão ligados à Reforma do século XVI. Ele diz que esse termo se tornou corrente, especialmente, após as tomadas de posição dos que se julgam herdeiros da tradição da Reforma protestante contra o “modernismo” teológico. O autor salienta ainda que, no que tange à morte, às penas eternas, às crenças no céu e no inferno, à não crença no purgatório, estes grupos religiosos compactuam doutrinas e códigos culturais semelhantes e até iguais em alguns aspectos; entretanto acrescenta que, a despeito de os protestantes (ou evangélicos) terem uma mesma origem, e de todos eles se considerarem “adversários” teológicos do Catolicismo, ainda falta-lhes um conjunto unificado, lógico e sistematizado de representações a respeito da morte e do morrer.

Existem certas diferenças na forma de compreender o mundo por parte dos evangélicos, entretanto por mais que cada grupo possa ter características que lhes são particulares, possuem, sobretudo, consideráveis semelhanças que podem ser considerados como sendo movimentos fundamentalistas; ou seja, constituem assim uma retomada de costumes e valores, fé e espiritualidade, uma vez antes colocados a prova, quando outrora, a ciência estava em evidência na idade moderna e havia colocado em cheque o conhecimento pautado na religião. Assim, os fundamentalistas, trazem consigo a essência do cultivo a espiritualidade e seguem determinado padrão no que tange a interpretação da bíblia de forma literal, de tal maneira que esta é considerada como única fonte de conhecimento e saber que o homem pôde, até então, obter, acreditar e obedecer; considerado pelo movimento, portanto, como livro que possui resposta para todos os anseios e que detém de toda a verdade (Oliveira, 2019).

Levando em conta os contextos aqui mencionados e analisados, a religião surge então para o homem como um amparo a esse desamparo uma vez vivido em sua infância e que é reencontrado em sua vida adulta por essa necessidade de cuidado e proteção. Como resposta para suas indagações a respeito da vida e da morte, o homem então deposita toda sua crença em um Deus onipotente, capaz de suprir todas suas necessidades e anseios. Nisso, o homem pautado e justificado pela sua fé, tem a religião como fonte de vida, conforto em meio ao desamparo e resposta para todos seus dilemas, com a esperança e crença de uma vida após a morte e a ideia de destino instaurada, no qual acredita-se existir um lugar reservado e melhor para aqueles que nele creem. Sobretudo, com a fé indubitável na existência de um Deus e Pai supremo que cuida de todas as coisas, compreende-se que a religião é um dos recursos defensivos mais bem elaborados que o homem religioso, diante da morte, seja do medo próprio de morrer ou do medo da perda do outro, utiliza como amparo e conforto (Morelli & Scorsolini-Comin, 2016).

No que se refere a recursos defensivos, Zimerman (2001), aponta que os mecanismos de defesa são operações mentais que têm por finalidade reduzir as tensões psíquicas internas, ou seja, das angústias. Tratam-se de recursos utilizados para elaboração do conflito psíquico, entretanto o autor salienta que, qualquer deles, se utilizado pelo ego de forma indevida ou excessiva, pode vir a funcionar de modo desestruturante. Em *O futuro de uma ilusão*, Freud (1927/2006), diz que o verdadeiro crente está em alto grau salvaguardado contra o perigo de certas aflições neuróticas, pois ao aceitar a neurose universal, ele é poupado da tarefa de formar uma neurose pessoal, ou seja, a religião acaba se tornando realmente uma forma parcial de defesa para o crente, conforme mencionado no parágrafo anterior.

Diante do exposto, em termos gerais, o presente trabalho objetivou compreender e analisar as percepções sobre a morte e finitude em grupos religiosos protestantes, bem como compreender o funcionamento egóico e os mecanismos de defesa utilizados frente a angústia de morte e finitude.

Método

Participantes

A amostra foi composta por dez participantes adultos, autodenominados cristãos protestantes. Os participantes foram selecionados após divulgação de um *template* (convite *on-line*) em uma rede social de troca de mensagens, e por indicação de outros participantes.

Materiais

Para realização da pesquisa, foram utilizados: um questionário para caracterização da amostra, buscando-se levantar informações básicas sobre o participante; um roteiro de entrevista semiestruturada, com perguntas abertas envolvendo a visão do indivíduo sobre a morte; e por fim o Questionário Desiderativo (QD), um instrumento de técnica projetiva verbal, que possui a finalidade de investigar conteúdos emocionais.

Sobre a técnica projetiva utilizada, segundo Nijamkin e Braude (2000), esse instrumento foi criado em 1946, pelos espanhóis Pigem e Córdoba, e em 1956, Jaime Bernstein fez modificações em sua forma de aplicação. O QD é composto por 6 perguntas, das quais três são escolhas e três são rejeições e o porquê da resposta, sendo a resposta escolhida correspondente ao símbolo desiderativo e o seu porquê a expressão desiderativa (Sneiderman, 2012, Nijamkin, & Braude, 2000). As escolhas e rejeições se enquadram em três categorias: animal, vegetal e inanimado, por isso quando respondida a questão “Se não fosse uma pessoa, o que mais gostaria de ser? Por quê?”, o aplicador elimina a categoria escolhida e elabora uma nova questão, e, assim recebe uma nova resposta, isso se repetirá até o final da aplicação (Nijamkin, & Braude, 2000). A consigna do QD coloca o participante frente à pulsão de morte e a impossibilidade de ser, fazendo com que ele deva-se imaginar “morto” para se pensar como outro ser não humano. Este instrumento traz ainda, informações sobre características da personalidade do paciente, mecanismos de defesa, força do Ego, maturidade ou imaturidade do Superego, entre outros (Nijamkin, & Braude, 2000).

Embora o QD ainda esteja em processo de validação no Brasil, ele tem sido utilizado em pesquisas que o revelam como uma técnica projetiva muito eficiente para analisar aspectos da personalidade e investigar conteúdos emocionais (Medeiros, & Pinto Júnior, 2006; Moura Júnior, Godoy, & Medeiros, 2018). Deste modo, por se tratar de uma ferramenta totalmente verbal, viu-se como oportunidade sua aplicação a distância, por videochamada, de modo a contribuir com estudos que possam padronizar e validar o uso do instrumento no Brasil.

Procedimento de coleta de dados

O projeto de pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CAAE: 33527620.8.0000.0089, parecer número 4.099.333) e toda coleta de dados se deu após tal aprovação. Inicialmente houve a divulgação do *template* (convite *on-line*) via rede social de troca de mensagens. A

participação ocorreu em duas etapas diferentes, no convite divulgado foi disponibilizado um link direcionando o participante para nosso *Google Forms*, que se referia a primeira etapa da participação em nossa pesquisa, no qual os voluntários fizeram a leitura completa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) indicando estarem de acordo em participar do estudo e preenchendo o questionário para caracterização da amostra, informando, em sequência, um melhor dia e horário para realização da segunda etapa, a ser realizada via videochamada. Para a segunda etapa, foi encaminhado um e-mail com o link para acesso a sala online (*Google Meet*), e o contato ocorreu no dia e horário informado pelo participante. Foi realizada a entrevista semiestruturada composta por 3 perguntas que abordaram a temática “morte” e na sequência, aplicado o Questionário Desiderativo. Toda etapa realizada por vídeo foi registrada através do recurso de gravação de tela *OBS Studio*, recurso esse, que serve para capturar a tela de quem o possui instalado no computador. Foi feita a transcrição do que foi dito e realizada as análises dos dados obtidos; feito isso, as gravações foram destruídas e os dados que foram coletados, serão armazenados por cinco anos.

Análise dos Dados

Para a análise dos dados foi adotado o referencial teórico proposto por Nijamkin e Braude (2000). As análises das respostas do Questionário Desiderativo foram feitas individualmente e a interpretação seguiu os tópicos: (1) Adequação a consigna (instrução) e Instrumentalização dos Mecanismos de Defesa instrumentais: para que o sujeito responda às demandas da consigna deve instrumentalizar determinadas defesas, que são operações mentais para resolver as vicissitudes que ela lhe coloca; (2) Sequências das Vicissitudes da ansiedade: deve-se avaliar a evolução das variações da ansiedade no decorrer do processo, ou seja, será analisado a capacidade do sujeito de dominar ou não ativamente a ansiedade frente a uma situação de perigo, algo considerado como ameaça à ele; (3) Tempo de reação: caracteriza-se como o lapso de tempo percorrido entre a consigna destinada a cada reino e o surgimento da resposta símbolo; (4) Sequência dos reinos: a sequência esperada segue a ordem: 1. animal, 2. vegetal e 3. objeto, nas respostas positivas e 1. objeto, 2. vegetal e 3. animal para as respostas negativas e tem relação com a expectativa de que uma personalidade saudável terá uma estrutura psíquica na qual predomine o instinto de conservação sobre os impulsos de morte; e (5) Análise de cada catexia: no qual os conteúdos simbólicos expõem pontos de fixação dos indivíduos, através das representações psíquicas às quais a pulsão se mantém fixada; dito isto, através da referida análise, decodificou-se a significação pessoal que cada símbolo representa para o sujeito. Feita a análise individual de cada protocolo de respostas, realizou-se uma revisão geral dos itens já citados anteriormente, a fim de entender se existem similaridades nesse grupo. Buscou-se ainda, correlacionar as respostas dadas nas entrevistas semiestruturadas, com os resultados apresentados no QD, no qual inferiu-se tratar-se, respectivamente, de respostas controladas e conscientes (entrevista semiestruturada), e respostas latentes do campo inconsciente (QD).

Resultados e discussão

O presente estudo é composto por voluntários (N=10) com idades entre 18 e 55 anos, sendo 6 do sexo masculino e 4 do sexo feminino. Do total de participantes, 7 frequentam a religião protestante há mais de 15 anos, sendo que 2 destes frequentam desde o nascimento; os demais 3 participantes frequentam a religião há 4-12 anos. De acordo com Moscovici (2011), algumas representações são transmitidas de gerações em gerações, outras se difundem rapidamente entre a população e têm uma curta duração. Em relação a escolaridade, a amostra é composta por 4 voluntários com ensino superior completo, 3 com ensino médio completo, 2 com ensino superior incompleto e 1 voluntário que é pós-graduado.

Segundo Nijamkin e Braude (2000), são indicadores do funcionamento do Ego as seguintes sequências elementares: defesas instrumentais (Repressão, Dissociação, Identificação Projetiva e Racionalização), vicissitudes da ansiedade, tempo de reação (TR) e sequência dos reinos. Em relação as defesas instrumentais, todos os participantes apresentaram fracasso na Identificação Projetiva e na Racionalização.

A respeito dos fracassos na Identificação Projetiva, nota-se que todos os participantes apresentaram falhas parciais ou falhas graves. A falha parcial que mostrou-se presente em todos os protocolos (N=10), foi o fracasso pela escolha de símbolos adequadamente estruturados, porém de frágil consistência; essas identificações aludem a personalidades que mantem preservado seu funcionamento e adequação à realidade, sempre e quando não se veem afetados por situações de exigência ou de impacto que os tirem de seu precário equilíbrio (Nijamkin, & Braude, 2000); pode-se ver exemplos de rejeições nos protocolos do P8: -2 *“Barata (?) Eu não queria ser barata, barata é nojenta”* e P9: -3 *“Copo (?) Pela fragilidade... Por ser frágil, quebra fácil, acaba... É... Criando cacos, acaba... É... Pode haver algum acidente, corte”*. Esta falha presente em todos os protocolos, mostra que há indícios de que ter que lidar com a própria finitude é um fator desestruturante para os participantes deste estudo, pois o Questionário Desiderativo proporciona ao sujeito que o experencia uma vivência de aniquilamento enquanto ser humano, no qual ele precisa imaginar-se como figura não-humana, portanto e implicitamente: morta (Medeiros, & Pinto Junior, 2006), ou seja, eles apresentaram dificuldades em simbolizar a própria “morte” e “ressurgimento”.

Apesar de os participantes deste estudo comumente trazerem em seus discursos nas entrevistas semiestruturadas que não temem a morte, pois estão intrinsecamente, segundo pontua o historiador Ariès (1977), aninhados a essência do significado que os antigos povos deram a ela, sendo um meio termo de resignação e confiança mística (confiança em Deus), ainda assim, constata-se que, inconscientemente, existe uma dificuldade no grupo em questão em lidar com a possibilidade do próprio aniquilamento e que portanto, infere-se, que há um sentimento de incerteza e dúvida sob a morte, que é algo que não pode ser controlado.

Ainda sobre as falhas parciais da Identificação Projetiva, um dos participantes apresentou fracasso da mesma em um único símbolo, no qual nenhum objeto é suficientemente valioso para ficar somente com

ele; outro fracasso também presente no protocolo de três voluntários, foi a perseverança de reino, ou seja, uma vez escolhido o reino, custa ao sujeito desidentificar-se deste e escolher algo novo e diferente, conforme é exemplificado no caso do P1: +2 *“Um celular”* +3 *“Um livro”*. Apesar da falha grave presente na Identificação Projetiva de metade dos voluntários (N=5), esta deu-se pela perda de distância entre o símbolo e os aspectos representados, ou seja, a escolha deixou de ser símbolo e foi concretamente o aspecto escolhido ou rejeitado pelo participante de si mesmo, ocorrendo assim, uma equação simbólica, como no caso do P10: -3 *“Quiabo (?) Ele tem um, uma gosma, um limo, que acho que qualquer deslize você cai. Eu acho que não é tempo de a gente cair, não... Eu acho que é tempo da gente se levantar e erguer a cabeça, sabe? Esquecer de tudo e seguir a frente, porque hoje não dá pra gente ficar, é... Deslizando, não. A vida tá muito difícil pra você ter um segundo... Um segundo pensamento, então o quiabo você desliza e praticam... Tudo desaba na tua vida. Eu não seria um quiabo”*. Segundo a definição dada por Guimarães, Pasian e Barbieri (2006), a equação simbólica pode ser percebida como um fenômeno regressivo que, no homem civilizado, seria evidente em condições nas quais se restringe a adaptação consciente à realidade, como, por exemplo, no êxtase religioso. Dito isto, segundo pontua Freud (1930[1929]/2006) em *O mal-estar na civilização*, a religião restringe o jogo de escolha e adaptação, desde que impõe igualmente a todos o seu próprio caminho para a aquisição da felicidade e da proteção contra o sofrimento; sua técnica consiste em depreciar o valor da vida e deformar o quadro do mundo real de maneira delirante (maneira que, pressupõe-se como uma intimidação da inteligência). A esse preço, por fixá-las à força num estado de infantilismo psicológico e por arrastá-las a um delírio de massa, a religião consegue poupar a muitas pessoas de uma neurose individual.

No que se refere a Racionalização, os fracassos se deram, em sua grande maioria, de forma parcial. A exemplo, como o primeiro fracasso apresentado da racionalização, tem-se o superdimensionamento da justificativa, que foi presente em quase todos os protocolos (N=9), no qual se reiteram e/ou se adicionam motivos que justificam, mas não enriquecem a escolha. Segundo aponta Nijamkin & Braude, (2000), pode-se considerar que existe debilidade egóica, porque quem supercompensa sente-se em perigo de perda da coerência e logicidade; têm-se assim de exemplo o P1: -1 *“Papel (?) porque o papel as pessoas amassam, jogam fora, rasgam, né? Fazem... Fazem do papel pouco caso... E aí vira lixo, né?”*. Outro fracasso presente na Racionalização dos participantes (N=5), foi a ausência da explicação, no qual o sujeito não pode justificar sua escolha, se tratando assim de uma incapacidade para refletir sobre sua própria conduta, sendo neste caso, verbal; como exemplo deste fracasso, tem-se o protocolo de P5: +3 *“Morango (?) Eu gosto, é a fruta que eu mais gosto”*. Por estas falhas, em especial, estarem presentes em protocolos de pessoas religiosas protestantes, infere-se que são um reflexo da fragilidade de logicidade presente nas pregações da religião seguida por tal grupo.

Tal como o próprio resultado desta amostra já aponta, existe uma necessidade de reforçar (superdimensionar) o próprio discurso ou simplesmente optar por não refletir sobre a própria conduta e acreditar no que é exposto e imposto pela religião, por mais que isso fira as leis da lógica formal. Vê-se um

exemplo disto a seguir no próprio discurso de um dos participantes, pois todos os voluntários desta pesquisa foram questionados na entrevista semiestruturada sobre o que pensavam sobre a morte e a resposta de P2 nos mostra a visão dele sobre o tema P2: *"Ó, é o seguinte. A base que eu tenho assim de morte, nesse assunto, nós como protestantes, né? Como dizia Martinho Lutero, estão na escritura. Nós cremos naquilo que está escrito na Bíblia, né? E pra nós a morte é um sono, é um descanso. Em primeira instância, né? É lógico que tem um processo que vem... Após, em relação ao juízo, né? Se a pessoa vai continuar descansando ali ou se a pessoa vai ressuscitar, nós cremos nesse ponto. Mas a princípio a morte, essa morte que nós sofremos hoje, a partir do momento que o fôlego de vida sai, né? É... É tirado de nós, de todo nosso sistema cognitivo... Né? Morre e aquela coisa toda, é o sono"*. Nota-se nesse discurso, que o participante se baseia na literatura Luterana além de utilizar termos científicos para respaldar uma fala que foge as leis das lógicas formais da atualidade, ou seja, alega que a morte é meramente um sono, um descanso. Considerando o contexto aqui explicitado, Freud (1927/2006), em sua obra *O futuro de uma ilusão* estabelece que, podemos chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação, fazendo com que a relação com a realidade seja desprezada, assim como a própria ilusão não dá valor à verificação. O terceiro e último fracasso na Racionalização presente nos protocolos (N=2), foi justamente por falha na sustentação lógica formal, em que o sujeito não pode justificar a escolha com adequação às leis da lógica formal. Um exemplo disso está presente em P4: -3 *"Planta carnívora (?) Porque ela come carne, come pessoas, come animais, ela come coisas que não é pra comer (risos), na minha opinião, não seria"*.

Em relação as falhas no mecanismo da Repressão Básica e Primeira Dissociação, apenas três voluntários obtiveram falhas mais graves como respostas antropomórficas, que se caracteriza pelo não desprendimento de aspectos humanos, como mostra em sua primeira escolha o participante P8: +1 *"Anjo (?) Porque tá perto de Deus e fazer o que ele quer, né? Que é adoração então acho que ia ser legal, agora ser bicho, né? Acho que não é muito legal, porque não tem raciocínio, né? Não, porque assim bicho tem, não é raciocínio que fala é instinto, instintivo, mas ele não tem raciocínio, age por instinto então não é legal. É bobão"*. A resposta antropomórfica mostra que a consigna foi entendida pelo sujeito de forma literal ou concreta e diante da sensação real de que a consigna ameaça sua vida, efetua-se uma re-negação deste impacto concreto, sobrepondo-se a este através de uma identificação com um objeto que não deixa de ter qualidades humanoides (Nijamkin, & Braude, 2000). Vale ressaltar que duas das três respostas tiveram como escolha algo relacionado ao divino, como mostra a seguir: P3: *"Anjo Mensageiro"* e P8: *"Anjo"*.

Sobre a Segunda Dissociação, também houve unanimidade de falhas nos protocolos, no qual o fracasso que esteve presente em absolutamente todos os participantes foi a dissociação patológica, que se trata da dissociação extrema no QD e se expressa através de uma quantidade importante de idealização nos símbolos escolhidos e suas racionalizações *versus* uma importante desvalorização dos objetos rejeitados. Têm-se um exemplo disto em P2: +1 *"Leão (?) Porque é bonito demais, né? Então acho assim, e a... Fora, o poder que ele tem, força, assim... Dentre os animais, é o mais forte. Além de ser bonito, é o mais forte"* *versus*

P2: -3 *“Juá (?) Ela é feinha e também é toda espinhuda e vira e mexe ela tá nos cantões, assim... Dá até no asfalto... Às vezes, né?... Eu acho ela bastante... Acho ela bastante comum... Né? Comum e além de ser comum, sempre vejo o pessoal quando vai fazer limpeza de terreno, assim, já arranca, já joga ela fora... Quase que imprestável, né? Nem pra adorno serve... Você entendeu?”*. Os participantes também apresentaram ambivalência em suas racionalizações (N=9), em que atribuíram qualidades positivas e negativas para o mesmo símbolo; vemos isso no caso de P7: -1 *“Maquiagem (?) Acho que coisas fúteis sabe? Não gostaria de ser nada que fosse fútil, tipo roupa, é... Maquiagem, essas coisas, sabe? Nada disso que, que é fútil. Que teoricamente, tipo, não muita... assim a gente precisa, utiliza, mas são coisas passageiras sabe? Hoje cê tá aqui e depois já não tá mais”*. A posteriori, será aprofundado sobre a ambivalência presente no grupo em questão. Outra falha presente nos protocolos (N=2), foi a escolha de um símbolo no qual houve atribuição de qualidades que geralmente são reconhecidas como negativas; exemplificando essa situação vemos o P4: +2 *“Cachorro (?) Um animal irracional, porque... um animal irracional ele não tem, não tem maldade né, não tem, não sabe distinguir o que é certo e errado ele simplesmente tá ali porque ele é da criação, que foi feito pra ser, ele exerce exatamente a função que ele foi criado”,* ou seja, é apresentado um desvalor por parte da voluntária em relação a condição humana de racionalidade. Por fim, vale ressaltar que um dos participantes apresentou o maior fracasso da Segunda Dissociação, no qual respondeu com um símbolo que elegeu como positivo nas catexias negativas duas vezes seguidas, conforme explicitado a seguir: P10: -2 *“Eu seria uma maçã”* e em sequência -2 *“Eu seria um computador”*.

Segundo Nijamkin e Braude (2000), a Segunda Dissociação implica em um reconhecimento dos aspectos que a pessoa valoriza e deseja conservar de si mesma, e daqueles desvalorizados e/ou conflitivos, os quais rejeita. Tendo isso em vista, devido ao fato de todos os participantes terem apresentado falhas na Segunda Dissociação, infere-se que a amostra em questão apresenta um Ego que não discerne aquilo que lhe é interno e externo e que não reconhecem situações que lhes geram ansiedade e, por consequência, não sabem a que recursos recorrerem para confrontá-las e resolvê-las. Nota-se que este autoconhecimento (reconhecimento dos aspectos valorizados e rejeitados) não é encorajado pela própria religião, muito pelo contrário, é dado, segundo a literatura bíblica, que não haja questionamentos em relação ao que Deus diz, pois segundo ainda as escrituras, ele sabe de todas as coisas, como pode ser evidenciando na passagem bíblica a seguir: *“Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?! Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim?”* (Bíblia Sagrada Almeida Revista e Atualizada, 1959/1993, Romanos 9:20). Conforme já mencionado aqui, a psicanálise freudiana é bem diretiva quanto à questão da subserviência do homem diante da religião, afirmando que a mesma impõe seu próprio caminho a todos aqueles que buscam por proteção contra o sofrimento e buscam felicidade. Assim o indivíduo é levado a um estado de infantilismo psicológico e arrastado a um delírio de massa, dessa forma a religião poupa o sujeito de uma neurose individual (Freud, 1930[1929]/2006).

Em relação às vicissitudes da ansiedade é esperado que haja certa quantidade de ansiedade no início da tarefa, entretanto essa, não deve interferir na produção da atividade, visto que isso pode ocasionar em fracassos totais ou parciais sobre as defesas instrumentais (Nijamkin, & Braude, 2000). Dito isto, nota-se que 9 dos participantes apresentaram uma interferência intensa de sua ansiedade durante a produção da tarefa, o que gerou falhas mais frequentes e severas dos mecanismos de defesa, expressivas de uma personalidade menos integrada. Apenas um participante, apresentou uma interferência moderada de sua ansiedade durante a produção da tarefa, o que gerou algumas falhas parciais menores dos mecanismos instrumentais, entretanto este mesmo participante apresentou predomínio da ansiedade do tipo confusional no decorrer da produção, no qual evidencia-se que o Ego de todos os participantes (N=10), foi superado pela ansiedade e ficou sem capacidade de domínio frente a ela. No geral, a sequência da ansiedade dos voluntários deu-se de forma flexível (N=8), ou seja, eles transitaram por diferentes qualidades da ansiedade e isso deu conta da flexibilidade de seus recursos. Apenas dois dos participantes apresentaram uma incapacidade de transitar por diferentes qualidades da ansiedade, o que infere-se, que a qualidade da mesma não parece ter a ver com a situação da prova, mas manifesta uma modalidade de funcionamento egóico estável (Nijamkin, & Braude, 2000). Metade dos participantes (N=5) apresentou predomínio da ansiedade do tipo depressiva, ou seja, uma ansiedade envolvendo o outro; quatro voluntários apresentaram predominância da ansiedade do tipo persecutória, que seria um temor do mundo externo e um participante, apresentou uma ansiedade predominantemente confusional, que, conforme já mencionado aqui anteriormente, pressupõem-se que a tarefa impactou sentimentos de desintegração, evidenciando-se assim uma baixa estruturação egóica.

Com base nos resultados obtidos em relação às vicissitudes da ansiedade dos participantes, nota-se a dificuldade dos mesmos em lidar com a possibilidade da morte ou pensar sobre a própria finitude; infere-se que isso possa ter relação com as premissas do grupo religioso em questão, no qual não compreendem a morte como o fim da vida, mas sim, como a passagem para um novo ciclo. A seguir é exposta a visão de um dos participantes sobre o que ele pensa sobre a morte, no qual podemos ter dimensão dessa visão de que a morte não é o fim da vida P5: *“De uma maneira evangélica, eu certamente não acredito na morte, né? De uma maneira evangélica eu acredito que quem seja evangélico em si a gente não conhece a morte, né? A gente conhece mais o... Como diria a... Ressurgir, né? Seria mais o renascimento com nosso Deus”*. Freud (1927/2006), em *O futuro de uma ilusão*, diz que o verdadeiro crente está em alto grau salvaguardado contra o perigo de certas aflições neuróticas, pois ao aceitar a neurose universal, ele é poupado da tarefa de formar uma neurose pessoal, ou seja, a religião acaba se tornando uma forma parcial de defesa para aquele que crê; essa resposta nos mostra que a crença religiosa pode ter interferido na capacidade de simbolizar o próprio aniquilamento e ressurgimento em forma de um símbolo, visto que não há morte para os que acreditam em Deus, segundo a crença do protestantismo.

Sobre o Tempo de Reação (TR), no geral, metade dos participantes (N=5) apresentaram aumento ou diminuição de seu TR ao longo da sequência na técnica; três mantiveram um TR estável ao longo de toda a

produção, aludindo a uma forma idiossincrásico de ser; e dois apresentaram um abrupto aumento ou diminuição em uma de suas catexias, indicado assim se tratar de uma situação de conflito para o sujeito, no qual tal atrito é inferido através do conteúdo do símbolo e da racionalização. Evidencia-se este conflito em P2: -2 TR' 3 segundos (reduzido) e P2: -3 TR' 34 segundos (longo), no qual o símbolo e racionalização trazidos por P2 referente a catexia -3 está carregado de um conteúdo de menos valia (desvalorização) por parte do voluntário e, inclusive, essa rejeição é contraposta ao símbolo escolhido na catexia +1, no qual o conteúdo da racionalização é marcado por mais valia (onipotência), conforme já mencionado aqui anteriormente (exemplo de Dissociação patológica). Apesar da sequência dos reinos, cinco participantes seguiram a sequência dos reinos: 1. Animal, 2. Objeto, 3. Vegetal; ou seja, pode-se observar um efeito de “tudo ou nada”, “vida e morte”, por eles optarem pelo reino que mais tem vida (Animal) e em sequência o que menos tem vida (Objeto Inanimado), revelando assim indícios de conflito a respeito de sua morte e finitude. Isso ficou evidente na entrevista semiestruturada realizada com os participantes, no qual sete dos voluntários ao serem questionados se tinham medo de morrer trouxeram respostas ambivalentes, exemplificado a seguir por P10: *“A, se eu falar para você que eu não tenho (risos)... A... A gente, a gente é humano, né? A gente é ser humano, não vou dizer pra você que eu não tenho medo, mas assim ao mesmo tempo eu tenho uma convicção que se eu partir de hoje, amanhã, eu vou partir para uma melhor, porque a minha esperança é um dia viver melhor numa vida que a gente vive hoje, viver numa vida melhor, entendeu? Então, medo a gente tem, mas a gente tem que estar convicto que nós temos a nossa salvação garantida e quando nós temos certeza da nossa salvação, não tem porque ter medo”*. Apenas três dos participantes realizaram a sequência conforme o esperado nas catexias positivas (animal, vegetal e inanimado), dando indícios de uma personalidade mais saudável e uma estrutura psíquica com predomínio do instinto de vida; e, ainda, dois participantes apresentaram desvio na sequência esperada nas positivas (começaram pelo reino vegetal), dando assim uma expectativa de se tratarem de estruturas menos saudáveis, pois para enfrentar o perigo apresentado (consigna), necessitaram desvitalizar-se, apelando como defesa a uma atitude de maior passividade e falta de afeto, sendo que, com isto, pagaram um alto custo (empobrecimento) para poder se adaptar (Nijamkin, & Braude, 2000).

No que se refere a análise de cada catexia, sobre a análise das catexias positivas, Arzeno (1995), diz que a primeira resposta dá indícios daquilo que a pessoa teme perder, do que ela mais valoriza em si mesmo e, ainda, pode indicar aspectos desejados inconscientemente, ligado àquilo que a pessoa mais almeja e busca para seu Ideal do Ego, ou seja, que está vinculado a idealização; além disso, nos dá um indicativo sobre as defesas que o sujeito maneja diante da fantasia de morte (angústia, ansiedade e medo). Trazendo para a pesquisa em questão, quatro participantes selecionaram na primeira catexia positiva símbolos (leão, águia, cavalo) e racionalizações carregados de onipotência (grandeza e força), característica presente no cristianismo; os demais (N=6), trouxeram símbolos e racionalizações com conteúdos variados, explicitados a seguir: dependência, masoquismo, altruísmo, egocentrismo, autopreservação e perfeição. Em se tratando

da primeira catexia positiva, essa variação de características apresentadas pela amostra, dá indícios de que mesmo vivendo sob um regime que rege a vida como um todo (fundamentalista), esses indivíduos possuem desejos e anseios que lhes são próprios.

Os resultados mostram que, em relação aos símbolos escolhidos nas catexias positivas do Reino Animal, o símbolo mais escolhido pelos participantes (N=5), foi o cachorro, um símbolo popularmente carregado de características como fidelidade, companheirismo, etc. Os participantes trouxeram em suas racionalizações, discursos variados voltados a dependência, altruísmo, egocentrismo e submissão, o que vai de encontro com as premissas e ideologias da própria religião cristã, no qual prega fidelidade, submissão e dependência a um Deus único, com a promessa de uma salvação na vida após a morte. Os demais participantes (N=5) trouxeram símbolos e racionalizações que remetem a onipotência e autopreservação, que também são peculiaridades que aludem fortemente ao cristianismo, características essas, que estiveram presentes no discurso dos participantes nas entrevistas realizadas, pois ao serem questionados sobre o que acreditam que ocorrerá com eles após a sua morte, estes por sua vez, trouxeram respostas carregadas de onipotência (*vencer a morte; a morte é um sono; ressurreição*), fidelidade, submissão e dependência (*aceitar Jesus como seu suficiente e único salvador; estar nos caminhos certos; baseio a minha vida pela bíblia*) e autopreservação (*esperança de que a vida não é terrena, teremos uma vida melhor quando tudo se acabar; há um lugar de descanso, o paraíso*). Segue-se, uma das respostas explicitada na íntegra e que traz um deslumbre dessas características: P2: *“Após a minha morte? Eu vou permanecer descansando, né? Na sepultura até o dia da ressurreição. Lá em... Tô falando de Bíblia aqui, né? Como vocês estão falando com a gente, assim, que nós somos protestantes, lá em... Eclesiastes, 9... Fala, né? Que... O homem morre, e a partir do momento que ele falece, todo sistema cognitivo, todas as faculdades, né? Naturais ali entram em Off, né? E a partir dali ele passa, a dormir... Como nós estamos falando aqui, a morte nós cremos que é um sono, um sono profundo, né? E... Dependendo da situação, se ele tiver a salvação ele vai ressuscitar no dia da ressurreição. Então nós cremos assim, que a morte não é algo... Para quem crê em Deus, pra quem busca ter essa intimidade com Deus, não é algo vitalício, mas é algo que, uma hora vai sessar e nós vamos voltar a vida novamente através da ressurreição em Cristo Jesus. É isso que você queria saber?”. Assim, pode-se inferir que há uma grande influência da religião nas respostas dadas por este público no QD.*

Sobre as catexias positivas do Reino Vegetal, a maioria dos participantes (N=6) selecionaram a árvore como símbolo, comumente conhecida por vitalidade, resiliência e fertilidade (frutos). Cada participante que selecionou este símbolo, trouxe um discurso diferente em relação a escolha, sendo ele voltado para: egocentrismo, isolamento, altruísmo, onipotência, proteção e utilidade. Como já é de conhecimento de muitos, a árvore é frequentemente citada na bíblia, como pode-se conferir no trecho a seguir: *“Porque ele é como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro e não receia quando vem o calor, mas a sua folha fica verde; e, no ano de sequidão, não se perturba, nem deixa de dar fruto”* (Bíblia Sagrada Almeida Revista e Atualizada, 1959/1993, Jeremias 17:8). Por mais que a árvore seja um símbolo

corriqueiramente visto em protocolos do QD, infere-se que pode ter tido a influência da religião na escolha por este símbolo, evidenciada a seguir na fala dos participantes P6: +3 *“Árvore (?) Porque a árvore ela... Traz vida propriamente dita. Ela faz parte da purificação do ar... Eu particularmente gosto muito de árvores é, principalmente as mais antigas, que são enormes, frondosas, bonitas e elas são muito resistentes em qualquer tipo de local que elas crescerem”*, resposta que se assemelha com o trecho bíblico citado aqui anteriormente e P3: +2 *“Árvore (?) Acho que uma árvore também é um... É algo divino, né? Algo que Deus criou e é algo que faz o bem, né? Faz o bem pra... Pro humano, tanto pro humano ou pro animal, gerando frutos ou... É... Ali purificando o ar, né? A natureza. Então acho que também é algo que é bem, simbolicamente, é, não só bonito, mas que traz um benefício muito bom pra Terra, pra onde, acho que a gente convive”*, no qual o próprio participante já traz em sua racionalização a referência a Deus.

As catexias positivas escolhidas em relação ao Reino Inanimado tiveram bastante variação, metade dos voluntários (N=5) atribuíram sentimentos de dependência, altruísmo, isolamento e perfeição a este reino. Entretanto os demais participantes (N=5), selecionaram símbolos categorizados como sendo um meio de transporte (avião, barco e veículo) e em suas racionalizações foram encontradas questões envolvendo: liberdade, perfeição e onipotência nos participantes do sexo masculino e submissão, em uma participante do sexo feminino. Conquanto, os sentimentos trazidos pelos participantes de sexo masculino remetem-se a algo já mencionado aqui, que é a questão da rivalidade para com a figura do pai na infância (ou Pai na vida adulta), em que este é portador de toda onipotência e perfeição e o filho anseia alcançar tais feitos, porém não deseja desafiar esta figura paterna superior, a fim de não despertar sua ira e perder a graça de sua proteção e cuidado. Aqui, o Complexo de Édipo é colocado em evidência, no qual trata-se dos desejos amorosos e hostis que a criança vivencia com relação a seus pais (Zimmerman, 2001). Infere-se que essa escolha por símbolos de locomoção, está diretamente relacionado ao desejo por liberdade e, inclusive, um dos participantes trouxe em sua racionalização justamente esse desejo, dando indícios de um possível conflito envolvendo o sentimento de aprisionamento e vontade de atingir a onipotência e perfeição de seu “Pai”. Este movimento nos remete à Freud em sua obra *Totem e Tabu* (1913 [1912-13]), no qual pontua o surgimento do sentimento de culpa nos filhos, decorrente do mito científico que deu origem a ambivalência em relação a esse Pai Bom/Mal.

Já em relação a participante do sexo feminino, que trouxe sentimentos de submissão a um símbolo de locomoção, é interessante esmiuçar um pouco mais seu movimento, explicitando a seguir sua fala completa P10: +3 *“Barco (?) A, um barco, porque... É... Nossa, cada pergunta (Risos)... A, o barco, porque... Quando ele está entre as ondas, está sobre o mar, é... Sempre ali dentro do barco tem alguém que está guiando, né? E eu tenho comigo que além daquela pessoa, tem um guia, tem Deus. E por mais que as ondas estejam bravias, por mais que o, sabe? É, o barco queira se afundar, eu acho que a pessoa que está remando aquele barco, ele tem uma bússola e com certeza, é... Com certeza aquele barco, sempre em maior dificuldade ele continuará remando... Remando, remando e não pode parar. Eu seria um barco”*. Desse modo, é evidente

e nítido o discurso de submissão da participante, do qual, capta-se este movimento presente nas condutas pregadas as mulheres pelo cristianismo, conforme mostra o trecho bíblico a seguir:

As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido (Bíblia Sagrada Almeida Revista e Atualizada, 1959/1993, Efésios 5:22-24).

Ainda sobre as catexias positivas, foram apresentados símbolos não pertencentes a nenhum dos reinos esperados, relacionados a sentimentos de onipotência, altruísmo e liberdade: Vento, Sol, Estrela, Mar, Água, etc. Por serem símbolos que mais se distanciam do humano, tais respostas sugerem uma maior quantidade de angústia, denotando, assim, a dificuldade do sujeito em entrar em contato com a morte ou fragilidade humana (Medeiros, & Pinto Junior, 2006).

No que se refere as catexias negativas, ou rejeições, estas dizem respeito à valores, atributos e características indesejáveis dos objetos, ou seja, o que se deseja perder, livrar-se, enfim, rejeitar (Medeiros, & Pinto Junior, 2006). Dito isto, nota-se que sete dos participantes desta pesquisa, selecionaram na primeira catexia das negativas, símbolos e racionalizações referentes a desvalorização; dois trouxeram questões envolvendo atitude de inveja e um, de impotência. Em relação ao Reino Inanimado, os participantes apresentaram símbolos variados, como, por exemplo: arma, caneta, papel, copo, entre outros; porém todos relacionados a desvalorização (N=8) ou autopreservação (N=2). Sobre as catexias negativas do Reino Vegetal, os símbolos também apresentaram diversidade (batata, flor, coentro, cebola, planta carnívora, entre outros), no qual as racionalizações tiveram conotações de desvalorização (N=4) ou autopreservação (N=4); os demais (N=2) tiveram relação com impotência e falta de vontade. Evidencia-se, portanto, que os principais conflitos apresentados pelos participantes dizem respeito a serem valorizados e cuidados. Conforme dito anteriormente, a religião surge para o homem como um amparo às necessidades de cuidado e proteção. O homem então deposita toda sua crença em um Deus onipotente, capaz de suprir todas suas necessidades e anseios (Morelli, & Scorsolini-Comin, 2016).

Nas catexias negativas do Reino Animal, a grande maioria dos participantes rejeitaram a cobra como símbolo (N=7). A cobra por si só possui um simbolismo bastante marcante para o cristianismo, conforme explicitado no seguinte trecho da Bíblia: “Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo.” (Bíblia Sagrada Almeida Revista e Atualizada, 1959/1993, 2Coríntios 11:3). Assim, já era esperado que a cobra aparecesse nas catexias negativas nos protocolos dessa amostra, porém, trazendo um olhar psicanalítico em relação a esta representação, nota-se que este, dentre os animais, é um dos mais fálicos que existem.

Segundo destaca Costa e Bonfim (2014), na antiguidade havia uma série de cultos ao falo, sendo esse considerado um objeto poderoso, perpetuador da vida e neutralizador das coisas ruins; frente a este lugar atribuído à referência fálica na antiguidade, os autores associam a supervalorização do falo e sua ligação com a sexualidade, destacando que, não havendo a veneração ao objeto fálico, a virilidade ficaria ameaçada e essa articulação com a sexualidade e com o desejo é delimitada; e Freud não desprezou o valor que este símbolo carregava no mundo antigo, muito provavelmente, porque em sua clínica tenha encontrado eco de sua importância.

Ainda sobre a rejeição ao símbolo fálico (cobra), do total de participantes, quatro que rejeitaram a cobra, são do sexo masculino, enquanto os outros 3 são do sexo feminino (totalizando sete dos participantes). As figuras masculinas, atribuíram a cobra rejeição a questões relacionadas a impotência e desvalorização, podendo indicar temor a perda de poder e virilidade, que é muito associado na psicanálise ao medo da castração que, segundo pontua Freud (1908, citado por Zimmerman, 2001), refere-se ao menino que não pode conceber qualquer ser humano sem pênis, sendo que a visão da mãe ou da irmã desprovida desse órgão gera imediatamente a fantasia de que, de fato, existe uma castração, a qual imagina ter sido cometida pelo pai. Já no caso do público feminino, foram atribuídas características relacionadas a atitude de inveja em todas as participantes e, em se tratando de um objeto fálico, símbolo de poder, pode-se dizer que essa atitude, de inveja, geralmente diz respeito ao desejo de possuir ou gozar o que é possuído ou gozado por outrem; o invejoso, assim, sofre por aquilo que lhe falta e a pessoa invejada é tida como possuidora daquilo que é mais desejado: um objeto bom, sendo que o impulso invejoso visa tomá-lo ou estragá-lo (Klein, 1964; citado por Trinca, 2009), ou seja, isso dá indícios do desejo das participantes de empoderar-se e sair da posição de submissão que a religião lhes impõe. Os demais participantes do estudo (N=3) trouxeram sentimentos envolvendo desvalorização, porém atribuídas a outros símbolos do Reino Animal (inseto, barata e mosca).

E por fim, símbolos que não pertenciam a nenhum dos três reinos esperados foram selecionados nas catexias negativas, bem como ocorreu nas catexias positivas. Estes, por sua vez, estão todos associados a desvalorização (ex.: areia movediça, poluição, fumaça, fogo, mal, entre outros), exemplificado a seguir em P9: -3 desconsiderada *“Poluição (?) É... Pelo fato de prejudicar tanto o ser humano, como também o nosso... Mundo, né? No caso, acaba prejudicando a camada de ozônio, então por esse motivo eu não queria ser”*.

Considerações finais

Os dados da presente pesquisa corroboram para a compreensão e análise das percepções sobre a morte e finitude em grupos religiosos protestantes. Por mais que ainda não tenha recebido parecer favorável do Conselho Federal de Psicologia (CFP) no Brasil, o Questionário Desiderativo como instrumento projetivo

verbal se mostrou uma ferramenta bastante promissora, principalmente pelo fato de ter sido possível a aplicação da técnica à distância, de forma online, como foi o caso deste estudo.

No que se refere a utilização dos mecanismos de defesa e o manejo da morte e finitude dos participantes dessa pesquisa, foram apresentadas falhas frequentes nas defesas instrumentais durante toda a produção da tarefa, mostrando que houve intensa interferência das vicissitudes da ansiedade, o que se evidencia na dificuldade dos mesmos em lidar com a possibilidade da morte ou pensar sobre a própria finitude. Ainda nessa mesma temática, outro conflito envolvendo a possibilidade do aniquilamento, foi a ambivalência presente no discurso dos entrevistados, no qual a grande maioria destes partiram do reino que mais tem vida (Animal) para o que menos tem vida (Inanimado); por se tratar de um reino intermediário no que diz respeito a vitalidade, pode-se dizer que os participantes vão de um polo a outro e este movimento é evidenciado em seus próprios discursos decorrente da entrevista semiestruturada; quanto a ter ou não, medo de morrer, ao mesmo tempo afirmaram possuir, a negam também.

No geral, os participantes demonstram debilidade egóica, mostrando que seus Egos foram superados pela ansiedade ficando sem capacidade de domínio frente a ela e apresentaram indícios de que possuem um Ego que não discerne aquilo que lhe é interno e externo, no qual não reconhecem situações que lhes geram ansiedade e, por consequência, não sabem a que recursos recorrerem para confrontá-las e resolvê-las. Surpreendentemente, poucos participantes apresentaram respostas antropomórficas em seus protocolos, o que não era esperado.

Os participantes desse estudo, apresentam similaridades tanto na forma como utilizam seus mecanismos de defesa e manejam sua morte e finitude, quanto em seu funcionamento egóico. Há semelhanças também, no discurso subjacente ao que tange o conjunto de costumes e valores, ética e a moral estabelecidos pela doutrinação dos cristãos protestantes, considerados como grupos fundamentalistas. Quanto à entrevista semiestruturada que fora inicialmente aplicada, observou-se fortemente no discurso dos participantes, estes que responderam segundo aquilo que é pautado na fé que possuem, uma tentativa de domínio e controle das angústias frente a perda da própria vida e de outrem; sobretudo, as respostas que foram dadas durante a aplicação do QD revelam de maneira surpreendente, o contrário. Consta-se pelas escolhas dos símbolos e discurso que subjaz as justificativas e racionalizações, o temor quanto às dúvidas, inseguranças e a ambivalência diante do perigo iminente à vida e o apego à mesma propriamente dita.

Nota-se ainda, que houve forte influência da religião nas respostas dadas pelos participantes, tanto no que tange às escolhas dos símbolos, como de suas racionalizações. Vale destacar ainda, que foram apresentados conflitos envolvendo o Complexo de Édipo por parte dos participantes do sexo masculino e, atitudes de inveja frente ao poder que o homem possui, por parte das voluntárias do sexo feminino. Além disso, o QD revela as nuances e conflitos presentes nos discursos que subjazem os desejos e temores frente às vicissitudes desses indivíduos quanto à morte e sua finitude.

Por fim, destaca-se a necessidade de outros estudos objetivando a aplicação do Questionário Desiderativo, seja em religiões de segmentos diferentes e/ou outros públicos e nichos, conforme interesse de estudo; em especial, sugere-se o manuseio e aplicação deste instrumento à distância também, conforme realizado nesta pesquisa, o que mostra sua versatilidade, para que então possa haver o enriquecimento na diversidade da aplicação da técnica, a fim de contribuir com a validação do QD no Brasil.

Referências

- Ariès, P. (2017). *A história da morte no ocidente: da idade média aos nossos tempos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Texto original publicado em 1977).
- Arzeno, M. E.G. (1995). *Psicodiagnóstico clínico novas contribuições*. Porto Alegre, RS: Arte médicas.
- Borges, M. S., Santos, M. B. C., & Pinheiro, T. G. (2015) Representações sociais sobre religião e espiritualidade. *Rev Bras Enferm.* 68(4):609-16. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2015680406i>
- Bíblia Sagrada Almeida Revista e Atualizada. (1993). Sociedade Bíblica do Brasil. Recuperado de <https://biblia.sbb.org.br/biblioteca/ARA>. (Texto original publicado em 1959).
- Campos, L. (2016). Protestantes brasileiros diante da morte e do luto: observações sobre rituais mortuários. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, 16(3), 144-173. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/31185>
- Costa, A., & Bonfim, F. (2014). Um percurso sobre o falo na psicanálise: primazia, querela, significante e objeto a. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 17(2), 229-245. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982014000200005>
- Flecha, R. D. (2016). Psicanálise e religião: possíveis interlocuções. *Sapere Aude*, 7(13), 497-508. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/12185>
- França, L., Tosoli Gomes, A., Peclly Wolter, R., Collares-da-Rocha, J., Santos Couto, P., Santana Peixoto, Á., Pereira, G., Figueiredo Nogueira, V., & Santos, C. (2020). Representações sociais de Deus para participantes de festividades católicas na cidade do Rio de Janeiro. *Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião*, 18(3), 1067-1083. <http://dx.doi.org/10.18224/cam.v18i3.8129>
- Freud, S. (2006). Totem e Tabu. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIII, pp. 21-162). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1913 [1912-13])
- Freud, S. (2006). Uma neurose demoníaca do século XVII. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX, pp. 87-120). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1923[1922])
- Freud, S. (2006). O futuro de uma Ilusão. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI, pp. 15-63). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1927)
- Freud, S. (2006). O Mal-Estar na Civilização. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI, pp. 73-148). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1930 [1929])
- Guimarães, N. M., Pasian, S. R., & Barbieri, V. (2006). A equação simbólica como recurso terapêutico: contribuições para análise do questionário desiderativo. *Paidéia*, 16(35), 365-376. <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-863x2006000300007>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2012). Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Recuperado de <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>

- Jodelet, D. (2001). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Maciel, K. D. S. A., & Rocha, Z. J. B. (2008). Dois discursos de Freud sobre a religião. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 8(3), 729-754. Recuperado em 23 de maio de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000300008&lng=pt&tlng=pt
- Medeiros, D. (2014). *Tabagismo e futuros profissionais da saúde: uma análise das representações sociais no Brasil e na Espanha*. (Tese de Doutorado, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo). <https://www.doi.org/10.11606/T.6.2015.tde-05032015-125106>
- Medeiros, D. & Pinto Júnior, A. A. (2006). Um estudo sobre a estruturação egóica de profissionais hospitalares por meio de Questionário Desiderativo. *Revista SBPH*,9(1), 91-99. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582006000100008&lng=pt&tlng=pt
- Morelli, A. B., Scorsolini-Comin, F. (2016). Repercussões da morte do filho na dinâmica conjugal de casais religiosos. *Temas em Psicologia*, 24(2), 565-577. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2016.2-10>
- Moscovici, S. (2011). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Moura Júnior, M. M., Godoy, B. S. D. & Medeiros, D. (2018). Palhaços-doutores e seus recursos defensivos: um estudo a partir do Questionário Desiderativo. *Revista da SBPH*, 21(2), 123-144. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582018000200008&lng=pt&tlng=pt
- Nijamkin, G. C., & Braude, M. G. (2000). *O Questionário Desiderativo*. São Paulo: Vetor Editora.
- Oliveira, T. A. (2019). Uma reflexão sobre o atual fundamentalismo religioso a partir de Freud. *Revista Psicologia Política*, 19(46), 543-555. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2019000300012&lng=pt&tlng=pt
- Santos, S. F. (2018). A religião como ilusão em Freud. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 7(12), 84-99. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972018000100007&lng=pt&tlng=pt
- Sneiderman, S. (2012). *El cuestionario desiderativo: aportes para una actualización de la interpretación*. Buenos Aires, Paidós.
- Trinca, W. (2009). O sistema mental determinante da inveja. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(3), 51-58. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000300006&lng=pt&tlng=pt.
- Zimerman, D. E. (2001). *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.